

## **Os protestos vieram para ficar**

*Por Antônio Augusto de Queiroz (\*)*

Os protestos, mesmo que nos próximos meses aconteçam em menor escala e de forma localizada, tendem a ganhar intensidade em 2014, especialmente por ocasião da Copa do Mundo e das Eleições presidenciais. A resposta das instituições (governo, parlamento e partidos) dificilmente terá o condão de atender a todas as aspirações, anseios e reivindicações dos manifestantes.

É que mesmo não tendo havido piora nos indicadores econômicos, sociais e éticos na amplitude alardeada pela mídia do triângulo das bermudas (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), os cidadãos que foram às ruas se sentiram ameaçados/indignados em suas quatro dimensões.

Na dimensão de eleitor por não estarem satisfeitos e, conseqüentemente, por não se sentirem representados pelas instituições, leia-se governo, parlamento, partidos etc.

Na dimensão de contribuinte por desconfiarem de má aplicação dos recursos públicos, como eventos da Copa das Confederações, denúncia de desvios, incentivos e renúncias para as empresas “X” da vida, além do uso inadequado de bens públicos por autoridades dos três Poderes.

Na dimensão de usuários de serviços públicos pela insuficiência e/ou má qualidade desses serviços, especialmente de transporte, de saúde, de educação e de segurança.

Na dimensão de consumidor por temerem o retorno da inflação e dos juros altos, da desvalorização do real frente ao dólar, e de aumento dos preços dos produtos e serviços administrados pelo Governo, como transportes coletivos, planos de saúde, telefonia, conta de água e luz, entre outros.

Embora ninguém esteja pedindo a destituição do Governo nem a substituição da política macroeconômica, a insatisfação também está presente no mercado, que questiona o controle do Governo sobre as margens de lucros das empresas concessionárias de serviços públicos ou daquelas que concorrem com estatais, e no Parlamento, onde o clima não está bom, inclusive dentro da base, e existe a ameaça de adoção do orçamento impositivo.

Quem melhor sintetizou a crise foi o Governador Eduardo Campos que, na reunião dos governadores e prefeitos com a presidente, disse que há três crises em curso: uma de representatividade, outro de valores e uma terceira de má qualidade dos serviços públicos.

A presidente Dilma – ninguém nega isto – tem feito um esforço sincero para controlar a inflação, eliminar a miséria e combater a corrupção, além de tentar melhorar os serviços públicos.

Por isto, apesar da queda de popularidade, ainda goza de credibilidade política e pessoal para reverter esse quadro, mas não o fará sem mudar seu estilo centralizador, sem reforma ministerial e sem diálogo com a sociedade, com o Parlamento e com o mercado. Resta saber se está disposta a esse “sacrifício”.

*(\*) Jornalista, analista político, Diretor de Documentação do Diap, colunista da Revista “Teoria e Debate” e do portal eletrônico “Congresso em Foco”, consultor político, além de autor dos livros “Por dentro do processo decisório – como se fazem as leis”, “Por dentro do governo – como funciona a máquina pública”, “Perfil, Propostas e Perspectivas do Governo Dilma”, “Movimento sindical – passado, presente e futuro” e da Cartilha “Noções de Política e Cidadania no Brasil”, entre outros.*